

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Júlio Cesar Raymundo

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

Santos/SP

2013

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral Temática

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Escola Técnica Estadual Dona Escolástica Rosa

Entrevistado: Júlio César Raymundo

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: Escola Técnica Estadual de Artes (Unidade de Ensino Médio e Técnico)

Data: 8 de maio de 2013

Técnica de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 50 minutos e 14 segundos

Número de vídeos: 2 (dois)

Apoio do transcritor parcial gratuito: online – <https://www.turboScribe.ai> – em 10 de junho de 2025.

Transcrição: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas da transcrição: 26

Sinopse da entrevista

Entrevista de história oral temática realizada pela professora Maria Lucia Mendes de Carvalho, curadora do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica, na Unidade de Ensino Médio e Técnico, departamento Cetec Capacitações, que na data da entrevista, funcionava na Escola Técnica Estadual de Artes, no bairro do Carandiru, em São Paulo. Nesse ano, a entrevistadora atuava com projetos de Segurança Alimentar e Nutricional e de Memórias no

campo da alimentação e nutrição, por esse motivo convidou o professor Júlio César Raymundo, que atuava na Cetec e fez o curso Técnico em Nutrição e Dietética. Essa entrevista fará parte do projeto “História oral na educação: memória do trabalho docente”, e será hospedada no volume quatro, denominado “Memórias e identidades: da dietética à nutrição”. Júlio César Raymundo é professor da Fatec Rubens Lara, em Santos.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 11, 16 e 28 de junho de 2025

Transcrição: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Vídeo um (oito minutos e quarenta e um segundos)

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Boa tarde, professor Júlio César Raymundo, da Fatec de Santos e da Fatec de Praia Grande. Eu gostaria de agradecer a sua participação nesse projeto que nós estamos começando a esboçar esse ano, denominado “Educação para Sensibilização e Preservação do Patrimônio nos cursos Técnicos em Nutrição e Dietética” do Centro Paula Souza, que está começando a ser esboçado e proposto aqui na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro de Capacitações. Hoje é dia 8 de maio de 2013 e nós estamos começando essa nossa entrevista às 14 horas e cinco minutos.

Júlio César Raymundo (JCR): Vamos dar uma boa tarde, obrigado pelo convite. Então, vamos narrar um pouco essa história. Essa história teve um fato interessante. Em 1991, quando eu ingressei no Ensino Médio, apesar de eu ter nascido em São Paulo, a minha adolescência já foi na região da Baixada Santista. Mas, ao ingressar no Ensino Médio, meu pai estava próximo a se aposentar. Então, eu fui parar no Escolástica Rosa em Santos. Primeiro ano normal, Ensino Médio. Mas, no segundo ano, nós tínhamos a opção de escolher determinado curso técnico. E, como todo jovem, a gente acaba aspirando algumas sensações profissionais. E, na época, eu me recordo que tínhamos Metalurgia, Nutrição e Dietética. Me recordo desses dois. Aí, eu falei, pô, acho que Nutrição deve ser um negócio bom para namorar, né? Só não sabia que eu ia dar um namoro profissional. Então, eu já falo aos meus alunos que eu entrei na Escola Técnica pensando em namorar. E só tinha mulher no curso, realmente. Acabei conduzindo um primo meu, que na época também fez Técnico em Nutrição, e nós éramos os únicos homens do curso. Namoramos bastante, mas também aprendemos

bastante. E, nesse aprendizado, teve grandes pessoas que marcaram época, a professora Guadalupe Martins Rubido Sauda a professora Helena Altenburg, a professora Glaucia, a professora Sueli da Silva Conceição Araújo, professora Lílian. E o que era aprendizado em Ensino Técnico acabou virando profissão. Entrei em 1991 e, em 1994, eu prestei concurso para a Prefeitura do Guarujá para ser Técnico de Nutrição, estagiário Técnico de Nutrição nas creches municipais. Como todo aluno que aspira inovação, aspira conhecimento, na época foi aspirado e pensado em desenvolver alguma coisa pensando em combater desnutrição infantil. Pode ser que hoje, no século XXI, 2013, nós não tenhamos tanto nível de desnutrição no Brasil. Mas, na época, tinha sim na região. E a nossa solução foi implementar a proteína de soja nas creches municipais do Guarujá. Então, foi trabalhado com professores, foi trabalhado em escola de aula, fundamentado em pesquisa, em resultado. O fornecedor, que era Cargill, na época, doou farelo de soja, treinou as cozinheiras das creches do município do Guarujá. Então, um projeto muito próximo do ideal esperado. Mas, para choque e espanto, após ser colocado em prática, as cozinheiras treinadas, as crianças já recebendo essa alimentação com base em proteína de soja, foi publicado no jornal A Tribuna, que é um jornal local, o maior jornal local da região – “Prefeitura do Guarujá dá ração para as nossas crianças”. Então, a gente consegue também ver o quanto o Brasil se transformou. Porque, hoje, a soja está na prateleira, em qualquer supermercado ou local especial. Mas, em 1994, isso foi encarado como ração para as crianças daquele município. Bem, no final de 1994, ainda fui estagiar no Instituto da Criança, no HC (Hospital das Clínicas) em São Paulo, onde também tive a chance de me alistar. O meu pai querendo se aposentar, ele se mudou então para o Rio de Janeiro, para o interior do Rio de Janeiro, na cidade de Volta Redonda. Eu fui conhecer, não gostei, falei, acho que vou ter que ficar por Santos. Foi de resolver prestar um concurso da Força Aérea Brasileira (FAB) para Técnico em Nutrição, na qual praticamente gerou uma profissão, porque eu fiquei oito anos como técnico na FAB. Mas, na FAB, como em todos os outros estágios que eu passei relacionado à nutrição, eu percebia que o nutricionista não tinha uma vontade de trabalhar com pedido, armazenagem, movimentação e compra, e sempre acabava fazendo essa parte. Então, a nutrição me levou para o lado da gestão, porque a parte de nutrição que eu gostava era a Nutrição Esportiva Avançada, que eu cheguei a fazer um ano na Uniban com a Patrícia Bertolucci, que foi nutricionista da Seleção Brasileira, mas não tinha aspiração ainda no Brasil, como ainda é muito pouco falado, nutrição esportiva, acabei migrando para a gestão. E, na FAB, eu fui responsável por compra, armazenagem, movimentação, novos layouts das novas cozinhas, na qual eu fiquei por oito anos, na Base Aérea de Santos, São José dos Campos, em Brasília, Rio de Janeiro, Curitiba, Florianópolis, eu viajei muito o Brasil pela FAB. E, enquanto eu estava na FAB, ainda em 1997, eu iniciei a

minha primeira graduação, que foi graduação em Administração de Empresa, na qual me formei em 2001.

JCR: Em 2001, me formar, eu continuava na FAB, mas eu estava também dando treinamento na Academia da Força Aérea. E, dando treinamento, fui descobrindo uma outra vocação, uma vocação em treinar, uma vocação em lecionar. Fiz uma Logística, fiz um curso de especialização, uma pós-graduação no ITA. E, após dois anos, eu fiz mais uma pós-graduação, já no Centro Paulo Souza.

JCR: Então, no Centro Paulo Souza, eu iniciei como aluno, novamente, agora numa pós-graduação, numa parceria com o IPEN (Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares), o curso na época era Gestão Empresarial. Então, era a parceria Centro Paulo Souza e IPEN. Nesse mesmo ano, que foi em 2003, eu comecei a lecionar na Escola Técnica, em Praia Grande, na qual estava, recentemente, chegado ao município. E, também, na nova Fatec, na Fatec Praia Grande. E aí, sim, marca uma carreira acadêmica. Nesse mesmo ano, eu comecei a lecionar na FAAP, em São Paulo. Aí, criou uma dificuldade de identidade, né? O que eu faço e onde eu trabalho. Então, do nada, eu já estava lecionando na FAAP, na Fatec e na Etec. E continuava na FAB, ainda, como militar. Em 2003, eu tomei a decisão e a atitude de pedir baixa da Força Aérea Brasileira e continuar na docência, em um segmento profissional, envolvendo, ainda, a parte aérea, mas na parte de consultoria. Desde 2003, eu atuo na parte de consultoria, de carga de projeto em comércio exterior, quando envolve aviação. Então, o que é carga de projeto em comércio exterior?

JCR: São os grandes projetos. Então, são os grandes shows, grandes eventos, Fórmula 1, Fórmula Indy, que São Paulo realizou, agora, a terceira etapa. Eu sou especialista em cuidar dessa parte logística internacional. E o Centro Paula Souza, ele marcou por tudo, né? Porque foi onde eu comecei como aluno. Hoje, eu não sou mais aluno, mas eu sou docente. Em 2000, aí, eu fiz mais três pós-graduações. Acho que eu perdi muito tempo fazendo pós-graduação, até chegar no mestrado. Eu deveria ter feito o mestrado lá atrás. Mas, aí, eu fiz mais duas pós-graduações, ensino a distância pela PUC, ensino a distância pela UNIP. E, depois, eu ingressei no mestrado em Engenharia de Produção. Aí, eu conheci um outro mundo, o mundo acadêmico, o mundo da pesquisa. Aí, essa pesquisa, o mestrado, foi interessante, porque, além de descobrir a importância da pesquisa e como ela é feita, eu também tive a sorte de emplacar em uma pesquisa grande fora do Brasil, de Lean Manufacturing, em Cambridge, onde, por dois anos seguidos, eu fui como aluno para Cambridge. E, hoje, eu sou instrutor

oficial do Instituto de Manufacturing em Cambridge, que envolve engenharia de produção e produção Lean. Deixa-me atender a secretária.

MLMC: Tudo bem.

JCR: Júlio?

Vídeo dois (quarenta e um minutos e trinta e três segundos)

MLMC: Professor Júlio, você poderia contar um pouco sobre a sua infância? Nós começamos logo conversando sobre o curso de nutrição, já numa fase com 17 anos, mas antes disso, você estudou aqui em São Paulo, estudou com seus irmãos, como é que foi?

JCR: A minha infância, ou a nossa infância, quando eu me refiro aos meus irmãos, nós somos em três homens e uma menina, a menina é a caçula, então ela é o xodó da casa, né? Sofreu muito para namorar, tinha além dos três irmãos, tinha um pai, né? Mas como tudo isso aconteceu, nós fomos morar na cidade de São Vicente, que é a litoral sul no estado de São Paulo, e a nossa infância foi tranquila. Nós estudávamos juntos, os três em todas, na mesma escola, então até a quarta série eu estudei num colégio chamado Nações Unidas, que era um colégio particular em São Vicente, e depois, quando veio o quarto, já começou a ficar, acho que, pesado no orçamento, aquela famosa década de 80, a década inflacionária, e nós fomos estudar numa escola do município. Uma escola pequena, mas aconchegante, que era o Colégio Raquel de Castro Ferreira, e no Raquel eu iniciei a prática de esporte, e logo percebi que não ia dar nada certo na área de futebol, não gostava, não me habituava, e nas aulas de Educação Física eu comecei a jogar voleibol, comecei a aprender as regras, a aprender as noções de voleibol, e não sabia que isso ainda ia dar problema um dia, ou ia me deixar indeciso. Quando eu cheguei na escola, eu acho que no Escolástica Rosa era uma escola em frente à praia, né? O que a gente faz em frente à praia? Vai para praia! Dei muito trabalho aos meus professores, porque eu sempre fui um aluno aplicado e chato, mas por ser aplicado em terceiro semestre, já estava com todas as notas fechadas, e o quarto semestre era justamente a época de verão. Então, nós transportávamos todo dia uma rede de vôlei dentro de um ônibus em Santos para chegar em frente à escola e montar. Aí nós geramos um problema para escola, porque os alunos não entravam mais para sala de aula, e ficavam jogando voleibol na praia, várias vezes.

MLMC: Que ano foi isso?

JCR: Foi em 93 e 94, a professora Guadalupe, a professora Helena, várias vezes elas foram participar do vôlei para poder trazer os alunos para sala.

MLMC: A Guadalupe era a professora de que disciplina?

JCR: A Guadalupe, ela lecionava Nutrição Normal, a parte de nutrição clínica, a professora Helena era a parte de Higiene Alimentar, a professora Sueli, de Tecnologia e Alimentos, e a professora Lílian era a parte de Noções de Puericultura, né? Que veio até me ajudar depois e comecei a namorar, em 97, e casei em 2002, mas o meu primeiro filho veio em 2005. Então eu falo que tudo que eu aprendi de nutrição serviu para vida e serve, né? Porque em casa, nós temos hoje, tenho dois filhos.

MLMC: Como se chamam seus filhos?

JCR: A Larissa, que tem um ano, o Daniel que tem cinco anos, mas a nutrição serviu também como base alimentar familiar e ainda serve. Então a gente utiliza, posso não utilizar na prática profissional, mas utiliza na prática do dia a dia, na gestão familiar no dia a dia.

MLMC: E a sua esposa se chama como?

JCR: A minha esposa se chama Marcela, ela é pedagoga, e a infância foi muito boa. Lógico que depois os meus irmãos, quando eu resolvi ficar, eles resolveram ir, quando meu pai se aposentou, eles foram para o Rio de Janeiro, mas todos os três saíram muito cedo de casa, né? Para estudar ou para trabalhar, todos com 17 anos acabaram saindo para estudar e trabalhar. Por isso que eu era o mais próximo, eles foram para o Rio de Janeiro, eu acabei ficando em São Paulo.

MLMC: Você é o mais velho?

JCR: Sou o mais velho, depois tem o Flávio, que trabalha na Santos Brasil, uma empresa portuária em Santos, e tem um que é Cristiano, que ele trabalha com eventos com a Rede Globo, e o filho dele hoje também está dentro do elenco da Rede Globo. Então essa foi a nossa infância, a caçula é a Ana Carolina, que eu tive muito pouco contato, né? Porque em 95, eu já não estava mais morando com os meus pais, eles estavam morando sozinhos em

Santos, e a minha irmã, em 95, ela tinha 10 anos, então eu falo que a personalidade da minha irmã eu conheço pouco, porque quando a pessoa começa a ter personalidade, eu já não estava mais em casa.

MLMC: Você tem quantos anos de diferença com ela?

JCR: A diferença entre mim e minha irmã são de 10 anos. Então quando eu tinha 20, ela tinha 10, quando eu tenho 30, ela tem 20. Então posso falar que eu não conheço a minha irmã. Em termos de personalidade, obviamente tem um convívio, não é diário, mas é um convívio mensal, geralmente, mas a personalidade da minha irmã é que a pessoa precisa estudar. E depois disso eu fui ainda como docente, à docência me levou também para uma área de consultoria, trabalhei no segmento farmacêutico, na área de logística por 6 anos. Fui dono de escola por 4 anos seguidos, escola particular, para sentir como era o mercado.

MLMC: Mas você tinha sócios?

JCR: Tinha dois sócios, um deles ainda é do Centro Paulo Souza, mas por questões profissionais e almejos profissionais, eu acabei saindo da sociedade, e hoje eu continuo só como docente no Centro Paula Souza e, em outras universidades, e, também, atuando na área de consultoria e comércio exterior.

MLMC: Agora essa escola que você foi sócio, era colégio?

JCR: É um colégio de ensino infantil a técnico, é o Colégio Positivos em Santos, e o Colégio Universo em Praia Grande. Nós chegamos a ter 700 alunos.

MLMC: O Positivo é uma franquia, não é?

JCR: O Positivo é franquia, mas lá em Santos éramos - Positivo - como metodologia de ensino positivo ou de ensino. Então a gente utilizava a metodologia de ensino Positivo, que é uma franquia, um casarão antigo em Santos, mas por vieses profissionais eu já acabei tangibilizando, mas continuando a educação como docente, não como empresário.

MLMC: Eu queria que você falasse um pouquinho, por exemplo, do seu dia a dia na escola. Eu vi que você foi para a área de logística, mexeu com o UAN, que é uma disciplina, inclusive

que a gente tem muita capacitação nessa área administrativa, mas com relação à cozinha, você se adaptava? Como foi essa entrada?

JCR: Bom, a cozinha tem dois fatos interessantes. Primeiro, eu não sabia nada, hoje eu sei tudo. Eu falo que lá em casa, quando eu tenho a comida boa, eu vou para o fogão. Mas tem um fato interessante, que no quartel, logo quando eu ingressei, por morar no quartel, eu senti uma desqualificação dos cozinheiros, então não tinha aquele agrado. Aí nós projetamos uma ideia, que essa ideia constituiu treinar e qualificar os cozinheiros da Força Aérea Brasileira, e a referência era o SENAC, em Campos do Jordão, que ainda é. Então todos os cozinheiros da FAB, a nível Brasil, foram qualificados e treinados em Campos, e todas as unidades do Brasil, da Força Aérea Brasileira, tiveram um novo layout de cozinha, um novo profissional. Então isso mexeu muito com o setor, mexeu muito com a qualidade alimentar. Quer avisar o pessoal a falar que comida em quartel não é ruim? É ruim! Não é verdade, a comida em quartel é boa. Pouquíssimas famílias no Brasil têm a qualidade, o tipo de alimento que existe no quartel hoje em dia. Então tem fartura, tem qualidade.

MLMC: O que faltava era o preparo.

JCR: Então hoje nós temos até nutricionista no quartel, com alimentação equilibrada. Aí nós colocamos programas para aqueles que são militares, que tinham obesidade, militares que tinham diabetes. Então foi montado programa de alimentação para cada doença, para cada característica que existia no quartel, e foi trabalhado, dando um salto em qualidade de vida dos militares da Força Aérea Brasileira no Brasil. A Força Aérea Brasileira foi uma escola realmente, uma escola de projeto.

JCR: No Centro Paula Souza, eu gosto de trabalhar muito com aluno. No Centro Paulo Souza, nós temos a FETEPS. Participei de todas as versões da FETEPS, sempre empolgado em levar os alunos e levar a instituição. Interessante que na última FETEPS, teve três alunos de Santos, de Praia Grande na verdade, do curso Comércio Interior, que eles quase não conheciam nada de Porto. Eles se tornaram especialista em Porto, chamou a atenção inclusive do governador do Estado de São Paulo, em exercício, que era o Alckmin. Em Santos, ainda nós conseguimos abrir agora, no ano de 2013, o primeiro curso público, gratuito, de Gestão Portuária, que já abriu em Santos, em São Sebastião. E vem fazendo sucesso, já estamos indo para a segunda turma, e agora em dois períodos, em matutino e vespertino.

MLMC: A gente tem um começo lá em 1932, que qualquer hora a gente precisa montar um projeto para ver como era o curso naquela época, e como está sendo o curso agora. Dá para a gente estudar essas relações, em termos de história da educação profissional.

JCR: O que aconteceu? Nós ficamos muito parados nessa área de logística, nessa área de Porto, e agora começamos a ter todos os portos, que estão em transformação, em reforma no Brasil, e todos os aeroportos. Mas nós já sabemos que não temos profissionais capacitados e qualificados para tomar esses postos de trabalho. Então, o Centro Paula Souza vem fazendo uma função social também, há muito tempo, e vem garantindo a qualificação e essa superação da mão de obra no Estado.

MLMC: Então, agora, você está fazendo doutorado nessa sua área de interesse, de trabalho, e conversando agora com você, dá para entender a sua relação até com o que você vive hoje com a administração, porque quando você foi contando a sua história, você vê que o seu foco sempre foi a administração e gestão, né?

JCR: Administração e gestão. E o doutorado é um negócio interessante, porque na nutrição eu fui para namorar, e eu acho que doutorado agora eu também estou namorando, mas não mais as minas, namorando o mercado. Eu escolhi fazer doutorado na Unicamp, o curso de Ciências da Terra e Engenharia do Petróleo. Então, o nome é Engenharia do Petróleo.

MLMC: E é na Engenharia Química esse curso ou é na Mecânica?

JCR: É na Engenharia Mecânica. E aí, por ser Engenharia, na Engenharia do Petróleo, a gente começou a estudar hidrocarboneto, química orgânica, química inorgânica, que fez eu voltar aos pensamentos de nutrição, porque em nutrição a gente tem química orgânica, inorgânica, bromatologia.

MLMC: É, você teve, né? Porque com a mudança de currículo agora...

JCR: Com a mudança de currículo eu não sei como ficou do atual currículo, mas eu cheguei a ter tanta química orgânica, inorgânica e bromatologia. E no doutorado eu me deparei com uma dificuldade muito forte de química, eu estava muito tempo fora da área acadêmica de química, então eu precisei ter algumas aulas particulares de professores de química para entender a composição de moléculas, hidrocarboneto. Mas o interessante do doutorado é que eles só falam isso. E eu falo justamente o contrário, porque eles falam de molécula e

hidrocarboneto. E nós vivemos num mundo de commodities. E quando falam em vender commodities, entregar commodities, eles não sabem. E essa química eu conheço. Então eu conheço a química de logística internacional e comércio exterior. E essa química para eles é muito complicada, que é a química da logística internacional. E hoje, o que adianta você ter isso se você não souber vender e não sabe o que está vendendo? Então hoje eu faço um paralelo muito forte em como exportar, por exemplo, minério de ferro. Minério de ferro é extremamente complicado de exportar pelo Brasil, porque, primeiramente, nós temos uma restrição de mercado. O governo federal hoje, a Dilma, não vê com bons olhos nós exportarmos o minério, porque o que ela quer é as empresas no Brasil. E as empresas não vêm para o Brasil, por uma deficiência e dependência tecnológica. Não é assim tão simples. Depois, como escoar essa produção? Nós temos pouca malha ferroviária hoje. Então, se eu falo, vou vender hoje minério de ferro, a primeira coisa que o cara vai me perguntar é: - como você vai transportar isso? Qual o seu contrato de logística? Nós, pela independência da região do Brasil, só temos uma empresa. Só que essa empresa já está com a malha ferroviária esgotada. Então eu não consigo exportar 200 mil toneladas a mês. Então eu tenho a mina de minério de ferro, com capacidade de produção, mas eu não tenho como escoar da mina para o porto.

MLMC: Mas será que é uma possibilidade? Não seria realmente trazer as empresas para o país economicamente? Qual seria? Porque se você tem que mexer nessa malha ferroviária, isso também tem um custo altíssimo, né?

JCR: Os custos são altos. Agora, por que as empresas não vêm para o Brasil? É pela deficiência estrutural que nós temos. Elas não enxergam a logística, elas não enxergam a inovação no Brasil ainda. A Coreia do Sul se desenvolveu muito. Nessa semana em que nós temos um novo brasileiro frente ao OMC, o Roberto Azevedo. Vai ser difícil o posto dele no OMC, uma vez que ele vai estar à frente da posição mundial do comércio e vai ter que falar que o Brasil é um país protecionista. Então nós também somos um país protecionista e cada país com a sua estratégia. No comércio, ninguém é bobo, todo mundo é estratégico. E o Brasil tem a sua posição estrategista, é um país protecionista também, assim como os outros, e ele está à frente desse jogo agora, mais para negociar. Então hoje eu vejo o doutorado de Ciências da Terra com direito ao petróleo algo como estratégico, onde estou aprendendo muito. Já terminei meus créditos de disciplina, agora estou partindo para o projeto e o projeto vai ser mesmo o escoamento de minério de ferro pelo Brasil. Então como o Brasil deve escoar ou poderá escoar minério de ferro nos próximos anos? Existe uma deficiência na malha ferroviária, na malha rodoviária e na malha portuária. Essas três malhas precisam estar mais

adaptadas, mais estruturadas. A gente fala 200 mil toneladas a mês, cada caminhão é 27 toneladas. Cada barça são 150 mil toneladas. Então um navio chega no porto, um navio 200 mil toneladas. Por qual porto? Nós temos que entender que o minério de ferro está em Minas, que não tem porto. Está no Rio Grande do Norte, está na Bahia. Então a gente precisa aproveitar esses recursos estratégicos e naturais e energéticos para dar uma finalidade de desenvolvimento ao Brasil. Obviamente, o país não vai ser só desenvolvido com commodities, mas ela é o início de transformação de qualquer produto.

MLMC: A gente continua exportando matéria-prima primária, né? Ou é alimentos ou...

JCR: Hoje qual é a empresa que tem uma cadeira e naquela cadeira tem o profissional de pesquisa e desenvolvimento. Então nós ainda não chegamos nessa geração, o Brasil chegou numa geração que agora ele forma pesquisador e o pesquisador está na área de P&D na empresa. Pouquíssimas empresas no Brasil têm área de P&D muito bem estruturada. No mercado acadêmico não fomenta para isso. A gente fomenta em uma pessoa que é uma sessão profissional, mas formar pesquisador demora. Não é da noite para o dia que a gente vai formar um pesquisador, que vai converter isso em produto e a gente deixa exportar matéria-prima e passa a exportar um produto acabado com conhecimento.

MLMC: Eu estou te fazendo essa... Porque assim, eu sempre trabalhei com P&D na indústria. Entrei como pesquisadora. E acompanhei, inclusive, as empresas utilizando verba do BNDES, que é verba com condições de pagamentos de juros e tal, benéfico para o empresário. E muitas vezes para cuidar da rotina, não para desenvolver realmente tecnologia de ponta, nada disso. Então, a gente fica meio amarrado, quer dizer: - a universidade trabalha nas suas linhas de pesquisa e muitas vezes também não está fazendo uma pesquisa em parceria, pensando no mercado e em desenvolver tecnologia para o país. É isso, né?

MLMC: Então, isso que você fala, eu também sinto isso. Vivência na prática, vivência até hoje, né?

JCR: Isso.

MLMC: Mas eu fico pensando assim, como a gente faz para sair disso? Porque aquilo que eu faço, a gente continua vendendo produtos primários, né? E lá fora isso não acontece, né?

JCR: Lá fora acontece até por dois motivos, né? Nós somos hoje a quinta economia do mundo que põe o Brasil com as grandes nações. Mas quando a gente fala em commodities, por que o Brasil? Nós precisamos entender que isso foi a Revolução Verde, foi uma estratégia americana na década de 60, na qual ele priorizou que o mundo ia ter um crescimento populacional e priorizou que alguns países já emergentes pudessem ter acesso a uma produção em massa. E o Brasil foi selecionado como o México. Hoje nós somos um grande produtor? Somos, mas as sementes são importadas, os insumos são importados, os equipamentos de agricultura são importados e nós vendemos produto. Em alguns momentos nem a terra é mais brasileira. Então hoje nós temos essa contradição. Mas por que o Brasil supera todo ano? Porque nós somos o primeiro país do mundo em fotossíntese, né? Nenhum país do mundo tem a fotossíntese que o Brasil tem. Por isso que plantando dá, dá o ano todo, mas é graça uma fotossíntese. Nossos grandes parceiros ou concorrentes comerciais em extensão territorial, Canadá, 30 milhões de canadenses.

MLMC: Tem um clima temperado lá.

JCR: Um clima que não vai ter fotossíntese o ano todo, que nem tem no Brasil. A Rússia com seus problemas, a China com seus problemas de fronteira, assim como a Rússia. E, também o clima não ajuda 100%. Mas um país que vem crescendo muito em produção de commodities atualmente é a Rússia, que é justamente aquela, que a gente costuma falar em sala de aula, aquecimento global, né? Tem alguns países que não estão nem aí para isso. Estados Unidos, Canadá, Rússia, China. Mas nós vamos fazer uma análise muito fria, eles estão acima da linha do Equador, onde a temperatura é mais fria, ou seja, a fotossíntese é menor. Então esses caras não estão nem aí mesmo. Por eles vai ter que aquecer mais, porque ele vai converter em degelo, virou degelo, vira em área em plantio. Virou área em plantio, ele acaba tendo uma produção também agrícola para concorrer com o Brasil. Então o Brasil vem se posicionando de uma forma forte em commodities, graças às suas características que existem, características de clima, né? Um clima... favorável a qualquer linha de produção.

MLMC: Quando você falou da Revolução Verde, ela causou uma porção de problemas que hoje a gente está se debatendo, né?

JCR: Será que ela valeu a pena? Tivemos problemas de degradação ambiental, nós tivemos problemas com os rios.

MLMC: Nós temos.

JCR: Quanto que o Brasil ganhou sendo produtor de commodities? Quanto que o Brasil ganha sendo produtor de commodities?

MLMC: E mesmo com relação a qualidade desses produtos transgênicos?

JCR: Sim, até porque o produto é brasileiro, mas o preço não é brasileiro, o preço é um preço internacional para ser commodities, que quem comanda é a Bolsa de Chicago. Então é uma estratégia mesmo americana e os Estados Unidos é um país estrategista. Quer queira, quer não, nós estamos nisso talvez por uma opção dele.

MLMC: Exatamente, então era isso que eu ia colocar. Se a gente for ver, a influência dos americanos no nosso país, ela começou lá na década de 20 ou talvez até um pouco antes, né? Mas assim, com a Fundação Rockefeller...

JCR: Foi justamente a Fundação Rockefeller que fez o maior estudo de Revolução Verde.

MLMC: “Aliança para o progresso”, que não foi só no Brasil, mas foi nos países como Chile, Argentina e, também com a intenção de explorar e utilizar esses produtos primários em benefício da sua nação, né? Se você pega, por exemplo, quando a gente fala em commodities, os detergentes que eram proibidos no país deles lá, derivados de benzeno e tal, aqui poluíam os nossos rios com espuma abundante, que na década de 60 a gente ouvia falar, né? Então eles só vão mudando com a pressão que nós vamos fazendo e, também porque agora, a partir da década de 70, se viu que se você suja o país do outro, ele atinge o seu, né? Então as pessoas vão mudando de mentalidade, mas é muito lento, isso é nível mundial. Mas eu sempre fico preocupada conosco, que somos educadores, de como a gente vai trabalhar com os alunos para que, de maneira reflexiva, a gente possa modificar isso.

JCR: Como fazer o aluno trabalhar, né? Quando eu fui para Cambridge agora recentemente de novo, eu achava que ir pra Cambridge era estudar com inglês, ter aula com inglês, mas foi pelo contrário. Cambridge é uma invasão de chineses, né? Trabalho em sala de aula dele, eu falei trabalho de aula não, é trabalho de férias. O último trabalho deles de férias era conhecer uma empresa em Manaus, no Brasil, entender o plano estratégico e levar para lá. Então a gente percebe que o cara está em Cambridge estudando, ele vem para o Brasil na época de férias escolares, faz o mapeamento estratégico, uma análise, só atinge uma empresa no Brasil e volta pra lá. Então ele volta o conhecimento e conhece. Se nós pararmos para

analisar, pouquíssimos brasileiros conhecem Manaus. Pouquíssimos brasileiros conhecem a administração. E o cara lá fora já tá estudando as empresas brasileiras.

MLMC: Então, é nisso que eu acho que a importância das políticas públicas e do governo está atuando nesse planejamento para direcionar o país. Que é o que os outros países fazem, né?

JCR: Sim.

MLMC: E nós não fazemos. Nós, brasileiros, a gente deixa as coisas acontecerem.

JCR: Eles também precisam estar na sala de aula para serem estratégicos.

MLMC: Mas nós também, enquanto cidadãos.

JCR: E nós formarmos os nossos alunos para serem estratégicos...

MLMC: Exatamente. Para se questionarem e trabalharem com desenvolvimento.

JCR: Os políticos do amanhã e desenvolverem projetos. Essa é sempre a minha preocupação. Esse é o papel social também da escola e papel estratégico.

MLMC: E quando você foi para Inglaterra, como é que você... Como é que eram as práticas? Lá eram semelhantes às nossas?

JCR: Na área de logística elas são bem semelhantes. O único disparate que eu achei mesmo é em sala de aula, os chineses em sala de aula estudando, estudando muito a fundo. Coisas que a gente nem começou ainda a vivenciar e estudar isso no Brasil. Temos autores, o professor Henrique Corrêa, que inclusive vai dar uma capacitação para o Centro Paula Souza e professores. Então ele é um instrutor hoje de manufactory. Até que a Secretaria de Ciência e Tecnologia está colocando nos APL os Estados de São Paulo. São os arranjos produtivos locais. Então os arranjos... Nós temos 14 arranjos produtivos no Estado de São Paulo, na qual nós vamos começar uma aproximação de docente, professores e alunos. Qual a ideia? A ideia é que professores e alunos consigam evoluir esses APLs e esses APLs desenvolverem uma região. A gente está falando de desenvolvimento e inovação. Para ter um produto acabado

daqui a 10, 15 anos, a gente exportar. Exportar o que importa. Precisamos então ter o que exportar. Se não termos o que exportar, vai ficar cada vez mais difícil.

MLMC: Então, mas você vê... Os chineses, que há muito pouco tempo eles só plantavam arroz. Você vê como eles estão mudando de mentalidade.

JCR: E hoje se fala muito da China. Quando você fala há pouco tempo se plantava arroz, o mercado fala o chinês apareceu, a China estava adormecida. Mas se nós voltarmos no primórdio das civilizações, nós vamos descobrir que quem criou a roda, o fogo, a pólvora, tudo foram os chineses. Então eles já são desenvolvidos há um bom tempo, há muitos anos. Eu acho que agora eles estão colhendo fruto. Não sei o porquê ainda, porque tem uma densidade demográfica e populacional tão grande, mas o maior problema deles é que tem muita gente no mesmo lugar. Talvez se eles fossem uma nação com menor número de pessoas, eles seriam mais desenvolvidos, talvez, até que os Estados Unidos. Os Estados Unidos é um país estratégico. Estados Unidos, Alemanha, França são nações totalmente estratégicas.

MLMC: Mas se você pega a França, ela tem uma organização muito diferente dos americanos. Tanto dentro do país, pelas leis, enquanto os Estados Unidos, eles sempre foram voltados para a exploração do outro.

JCR: Sempre exploração e conquista de mercado. O francês passou por problemas até para crescer, porque a França, para crescer e se desenvolver, precisou repatriar as colônias. Tem muito nigeriano, que virou francês porque eles não tinham mão de obra. Hoje a gente fala no Brasil que não tem mão de obra, mas hoje não tem colônia. A França vivenciou isso na prática um dia e sabe o quanto isso foi complicado para o crescimento. Mas ela conseguiu. A Itália conseguiu o único país do mundo que se desenvolveu em cima do micro e pequena empresa. E a Inglaterra é um país totalmente estratégico. Ela foi dona de um terço do mundo, das terras do mundo. Suas colônias foram uma grande vantagem. Por onde a Inglaterra passou para colonizar, desenvolveu. Nós temos os Estados desenvolvidos. Nós temos a Índia, o Paquistão. Então desenvolveu o quê? Inovação e conhecimento. E nós fomos colonizados por portugueses. Tratado todas as ilhas, dividiu o Brasil em 15 capitanias. Um lado português, um lado espanhol. Obviamente a parte mais difícil foi o espanhol. É onde ele fica mais com os países andinos. E nós fomos portugueses. E Portugal hoje está em reflexo de Portugal, mas o Brasil não teve uma colonização de desenvolvimento, e sim extrativista.

MLMC: Então, mas você vê, isso já faz muito tempo. O que eu fico vendo, na década de 40, se falava que o problema do brasileiro era a questão da eugenia, da raça. E se ficou estudando muito isso, a desnutrição era muito grande. E daí chegaram à conclusão de que o problema era a fome, e começou a se trabalhar em cima da alimentação. Hoje, qual será que é o nosso problema? Será que é a educação? Por que o que nos diferencia desse povo? Porque a gente tem mais sol o tempo todo, e a gente se acomoda. Alguma coisa nós brasileiros temos de característica que a gente precisa mudar, né? É isso que eu questiono

JCR: Eu lá atrás, quando comecei a fazer nutrição, ainda cheguei a pegar a campanha pastoral da criança, que foi um projeto premiado pela Unesco. Então, ali nós tínhamos um problema de desnutrição, que era uma epidemia a nível nacional. Hoje, não. Hoje nós temos um problema de obesidade, mas hoje acho que o maior problema do Brasil, na verdade, não é o maior problema, é o único problema que o nosso país enfrenta, é a educação. Com a educação, você corrige a segurança, você corrige a habitação, você corrige o emprego, você corrige o desenvolvimento. Então, você não tem várias coisas. Você tem um problema. Um problema chamado educação.

MLMC: E de envolvimento das pessoas. Porque eu sinto falta disso. Eu acho que o brasileiro, ele não trabalha o coletivo como deveria.

JCR: Existe uma questão individualista, um comportamento talvez a ser mudado nos próximos anos.

MLMC: E que depende da nossa...

JCR: E esse problema de educação, hoje, nós temos...

MLMC: Das nossas práticas também, né?

JCR: Nós já temos práticas educacionais em um ou mais estados brasileiros. Você tem ensino gratuito de qualidade. Mas será que a pessoa quer? Será que a pessoa está preparada? Aí a gente fala que o problema é na base. Então, em algum lugar tem que corrigir. Mas o nosso problema continua sendo o único problema no meu ponto de vista ainda da educação.

MLMC: Quando você falou da Cargill, eu como fui professora de Bromatologia, e cheguei a levar os meus alunos lá na Cargill para ver a produção do óleo de canola. E eu me lembro

bem de a gente parar nos equipamentos, que o farelo era realmente encaminhado para fazer torta para animal, né? Então, até quando isso realmente não era uma estratégia e o jornal “A Tribuna” não estava correto, né? Quanto conhecimento a gente tinha, né?

JCR: Já tínhamos e não usávamos, né?

MLMC: Porque, por exemplo, no 2º Congresso de Nutrição em 1960, teve uma discussão muito grande com relação a isso. Porque apareceram profissionais dietistas e nutricionistas que chegaram a fazer experimentos com os alunos, com crianças e tal, sem o controle adequado, substituindo o leite de origem animal, que tem uma composição rica, por leite de soja, por exemplo, sem fazer uma avaliação de que prejuízo se daria para as crianças, né? Então, essas coisas a gente peca muito aqui nesse país, né?

JCR: Hoje a indústria de alimentos evoluiu, né? Hoje se fala em indústria de alimentos, você tem qualquer alimento, você tem praticamente, hoje, em 2 a 3 minutos utilizando micro-ondas, né?

MLMC: Outra coisa que me deixa... Porque nós... o Geraldo, o Antônio de Paula Souza, o nosso patrono, ele foi estudar fora, estudou em Zurich, ele valorizava as escolas técnicas, e, por isso, quando retorna ao Brasil, ele lutou pela criação da Escola Politécnica, pelo liceu, pelas escolas técnicas, mas... Isso já no início do século XX, né? Então, já éramos para nós termos mudado as coisas, mas você vê sim que, de repente, em determinados períodos, a gente tem uma política ditatorial, que não foi só no Brasil, mas foram em outros países, né? E quando eu falo, não é só no regime militar, estou falando lá no... com Getúlio Vargas e tal, que você tem uns períodos que parece que não se tem espaço para refletir, né? Para discutir. Pega as usinas nucleares, quer dizer, foi um desperdício de dinheiro...

JCR: Está sendo...

MLMC: Está sendo e nós tínhamos um corpo de cientistas que estavam trabalhando em cima disso, né?

JCR: Nós sempre ouvimos falar que o rio corre para o mar. O Brasil tem aí dez mil quilômetros de costa marítima e que o rio corre para o mar. Nós temos um relevo que a ser estudada e a ser projetada pelos cursos de engenharia.

MLMC: E daí tem outro problema, porque quando a gente estrutura os cursos, toda essa sistemática, nós brasileiros também deixamos, porque daí você pega o MEC-USAID, que mudaram o rumo da nossa educação e é isso que eu acho que pelo brasileiro se acomodar e não se envolver em política, é que nós estamos nesse estágio de desenvolvimento.

JCR: Talvez seja a falta de grandes líderes que não estamos formando. E para o mercado interno e externo. Então ensinar estratégias, ensinar liderança em sala de aula. Liderança a partir do comportamento humano, ou você é ou você passa a ser.

MLMC: Mas você pode estimular.

JCR: É que estimular é mais difícil.

MLMC: Mas você tocou num ponto interessante, porque normalmente o jovem ele está aberto a desbravar, a conhecer. Por exemplo, você foi para a nutrição e se encontrou.

JCR: Me encontrei.

MLMC: Então na adolescência ele está buscando e é a hora que ele é combativo, e que a gente tem que permitir que ele se expresse, e se coloque, para que ele vá assumindo novos papéis. Agora se em determinado momento, a estrutura não permite isso, você abafa uma liderança.

JCR: Abafa.

MLMC: Então por exemplo, eu falo isso porque eu trabalho com Segurança Alimentar, e até hoje eu acho que a alimentação é precária, e que nas escolas poderiam ser um espaço para trabalhar isso, tanto com o público da escola como com os alunos. E daí eu vejo, que na década de 60 se lutava por isso, se tinha alimentação nas escolas, e de repente você corta, e você inibe as pessoas de se comunicarem, elas deixam de ser contestadoras, e daí só abafa e não abafa só ali, mas reflete tudo isso que nós estamos vivendo hoje.

JCR: Eu já estou a dez anos como docente, como professor, e muitos dos meus alunos se tornaram professores e agora a gente começa a perceber que as prefeituras começaram a enxergar que educação é um negócio barato. É uma pena que como políticos, eles não vejam a educação como estratégico. Então ele começa a pensar em vou abrir escolas e procurar

professores, mas ele não pensa na formação de professores e em qualificar professores, e então você que pode ter um crescimento desordenado e pode perder a referência profissional lá na frente.

MLMC: E a relação que esses cursos, que eles vão montar com esses arranjos produtivos.

JCR: Sim.

MLMC: Porque eu sempre falo isso, e na escola sempre tem gente que nos questionam, que nós da educação profissional focamos muito em emprego. Mas, as pessoas elas precisam de trabalho, e eu acho que tem que ter parcerias com as empresas e com as prefeituras, e as prefeituras têm que enxergar isso para criar postos de trabalho.

JCR: Tem que ter uma aliança para tratar de arranjo produtivo, com as empresas de modo a desenvolver conhecimento e gerar esse profissional para ter um resultado, que com certeza vai ter e estamos no caminho certo.

MLMC: Agora me diz uma coisa, você está fazendo o seu doutorado nessa área de Engenharia de Petróleo e você está com quantos anos agora?

JCR: Agora eu estou com 36.

MLMC: Uma idade ótima para traçar perspectiva e de imaginar o que você tem pela frente de trabalho e, falando desses postos que agora temos que explorar no Brasil, falando desses postos que eu esqueci até o nome agora, que é para explorar.

JCR: Offshore?

MLMC: Você está escolhendo uma área que tem perspectiva, então se você continuar na instituição, no Centro Paula Souza, e como você atua em uma faculdade de tecnologia, você consegue enxergar e de ter um espaço para desenvolver pesquisa aqui nessa área e envolver seus alunos?

JCR: Na área portuária sim, e eu penso em trabalhar com comércio exterior a desenvolver projetos e os alunos começarem. Na área de comércio exterior é difícil, mas não é impossível. Você tem duas empresas no Brasil que exportam minério de ferro, a Anglo American e a Vale.

E porque não é difícil criarmos aqui oportunidades, é difícil. Mas, porque você não tem uma estrutura logística, a gente não tem uma cadeia vertical, mas fazer sem eles é complicado, mas é possível. Então isso é um desafio. A minha opção no doutorado, até por causa do doutorado é um aprendizado final até quando a gente fala de logística internacional de commodities.

MLMC: Então você consegue a partir do seu doutorado de você abrir um espaço reflexivo aqui para a pesquisa? Você já pensou nisso?

JCR: Estou pensando, inclusive no estado de São Paulo, justamente me aproximar mais dos arranjos produtivos, porque a gente percebe que no mundo eles são elementos de desenvolvimento. Um país, como Portugal, por exemplo, fez essa opção, de não querer mais produzir e passou a comprar e a ser um país comprador da França e da Itália, em determinado momento de crise não conseguiam comprar e não tinham mais a cadeia produtiva. Nós temos a Grécia em uma situação muito ruim atualmente, e acho que vai ser mais um país dissolúvel e a ser extinto, nós sabemos toda a história da Grécia, de humanidade, mas como qualquer país do mundo, vai ser extinto agora em pleno século XXI. Eu acho que o Brasil por ser a quinta economia do mundo, mas falam que é o país do momento. Mas, não acho que é só o país do momento, pois somos a quinta economia do mundo.

MLMC: Mas o que eu fico preocupada, quando as pessoas falam: - nós somos um país rico. Mas, eu falo nós somos um país rico, mas o dinheiro não é nosso.

JCR: Não é nosso.

MLMC: Porque o dinheiro que circula nesse país não é nosso. Eu trabalhei em multinacional e eu via como entravam as coisas e como é que sai.

JCR: Hoje nós somos o quinto mercado. Mas eu pergunto: - nós temos produtos para oferecer para esse quinto mercado? Não, porque as multinacionais vêm para o Brasil oferecer desde telefonia e celular, por que nós não geramos isso?

MLMC: Então, por isso que eu estava começando a falar do Antônio de Paula Souza, porque ele acreditava no país e ele enxergava, ele e o Ramos de Azevedo, eram da área de construção (Construção Civil) tinham empresa, mas formavam pessoas, que é o caminho normal. Você sempre vai fazer alguma coisa, tem afinidade, que você conhece e produz.

Agora, naquela época, nós tivemos também o Roberto Mange, que eu também considero que é uma pessoa que contribuiu muitíssimo, e que foi amigo do Paula Souza, que ele conheceu lá em Zurique. Agora a gente tem essas interrupções, que não deveria ter, porque nós temos neurônios como tem os alemães, então o que, o que nos falta? Disciplina ou poder de decisão política?

JCR: Eu acho que é um pouco disso tudo. Disciplina como nós temos muita coisa aproveitável, devido ao clima, cabe a nós ser mais disciplinados, ficar em casa estudando e aproveitar mais o momento. Investir mais em pesquisas, o país é muito fraco em pesquisas. Nós temos países vizinhos que já tem prêmio Nobel, o Brasil ainda não. Muita gente acha que o Brasil tem, mas nós temos um de literatura, mas não é nosso, que é um português. O prêmio Nobel não é do Brasil, a Argentina já tem, o Chile já tem. Então nós temos que ter um salto em educação, para nós termos que romper essa barreira de país em desenvolvimento para passar a ser um país desenvolvido. Não vai ser daqui a cinco ou dez anos, mas talvez quatro a cinco décadas.

MLMC: Mas eu sempre fico preocupada com conosco, que somos docentes e que trabalhamos na área administrativa, e como fazer isso? Eu participo dos conselhos, acho que é um espaço para as pessoas se envolverem, mas você vê que a coisa é muito lenta.

JCR: Muito vagarosa.

MLMC: E eu vejo que a gente é muito de ser indisciplinado e trabalha pouco o coletivo

JCR: Depende da burocracia, que é necessária para as organizações, mas as vezes precisa liberar um pouco para ser mais ágil.

MLMC: E você conseguiria isso se você delegasse responsabilidade e cobrasse essa responsabilidade.

JCR: Nós somos um país que tem muitos projetos, o Brasil tem projetos bons, somos um país que tem dinheiro, mas nós não temos o hábito de controlar o que está sendo feito, o que foi feito, e de que maneira foi feito. Mas, se você não controla nada.

MLMC: Isso em tudo. Isso é um grande problema, inclusive na avaliação. Você pode ver que a gente discute tudo, mas na avaliação menos capacitação de avaliação e cobrança. E não é

só aqui, não. Também na academia, eu participo de congressos e vejo que se você não cobra como é que você vai avaliar o processo? E você não tem como avaliar projeto.

JCR: Você acaba não tendo o retorno desejado.

MLMC: Olha, Júlio eu quero te agradecer acabamos falando quase uma hora, nós vamos transcrever, talvez eu vá conseguir te devolver no segundo semestre, para a gente construir esse texto, e por tudo que está acontecendo aqui, mas eu agradeço muito.

JCR: Você quer ficar com as fotos? (interrompe a ligação)

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Júlio César Raymundo
Maria Lucia Mendes de Carvalho
Etec Dona Escolástica Rosa
Fatec Santos
Fatec Praia Grande
Técnico em Nutrição e Dietética
Técnico em Mecânica
Portos
Logística
Força Aérea Brasileira
Restaurantes
Desnutrição
Obesidade
Revolução Verde
Cargill
Proteína de Soja
Ciências da Terra
Engenharia de Produção
Administração de empresas
Avaliação

Arranjos produtivos

Prêmio Nobel

Comércio exterior

Engenharia de Petróleo

Antônio de Paula Souza

Roberto Mange

Dados Biográficos do Entrevistado



Júlio César Raymundo - Iniciei meus estudos no ensino Técnico Profissionalizante na Escola, Escolástica Rosa, em Santos/SP, no curso Técnico em Nutrição e Dietética que me permitiu desenvolver trabalhos e projetos. Estagiei no hospital Estadual Guilherme Álvaro, setor de nutrição enteral e parenteral, nas creches Municipais da Prefeitura do Guarujá, implementei e desenvolvi estudos na utilização da proteína da soja na alimentação infantil na década de 90, época em que se registrava um alto índice de desnutrição em crianças. Fiz bacharel em Administração com ênfase em Comércio exterior e Direito. Especialização em Formação de Orientadores para EAD (PUC). Especialização em Gestão Empresarial (IPEN-USP). Especialização em Logística ITA, Formação Pedagógica de Docentes, Professor Ensino superior desde do ano de 2003 (FAAP/FATEC/UNIP/FECAP). Sou mestre e doutor em Engenharia de Produção. Possuo experiência na área de Gestão Empresarial, atuando nas seguintes áreas: Cadeia de Suprimento; Logística Internacional; Produção; Comércio Exterior e Portos. Certificação Lean Six-Sigma WHITE BELT, Certificação BPM, Certificação PMI. Experiência em supervisão e coordenação de cursos técnicos, tecnológicos, graduação e MBA com ênfase em orientação de Práticas Pedagógicas ao corpo docente e condução de projetos bem como conhecimento de políticas públicas educacionais; LDB e educação profissional (SENAI e Centro Paula Souza). Responsável pela elaboração, criação e

reestruturação com o NDE do curso de Graduação Tecnológica em Gestão Portuária do Centro Paula Souza. Coordenador do Curso Tecnológico Gestão Portuária - Fatec - Rubens Lara Coordenador de projetos CETECap - Centro Paula Souza - Eixo Gestão e Negócios - Departamento responsável em capacitar e qualificar docentes do Centro Paula Souza. (Programa Brasil Profissionalizado) na área de Logística, Comércio Exterior e Portos com capacitações realizadas pelo Estado de São Paulo, responsável em criar 4 apostilas e qualificar aproximadamente 2500 professores no eixo de gestão e negócio. Trajetória profissional iniciou na Força Aérea Brasileira onde dei os primeiros "voo" profissional quando formado em Técnico em Nutrição após 7 anos comecei a trabalhar com logística pela Infraero, projetos na indústria farmacêutica, projeto com empresas do setor de segurança (Protege - Brinks - Proair). Então fui trabalhar com consultor onde participei de 36 de projetos com foco em planejamento estratégico e desenvolvimento do negócio. Mantenedor de escola particular sistema Anglo e Positivus 2005 - 2013 Em 2002 iniciei como professor na FAAP. Em 2003 ingressei no Centro Paula Souza especificamente na Fatec Praia Grande. Doutor em Engenharia de Produção - Grupo de Pesquisa na CAPES Estudo das Redes Produtivas do Agronegócio UNIP - SP Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, Parecer CNE/CES de número 288/2015 de 08 de julho de 2015, conforme publicação no Diário Oficial da União de 27 de julho de 2017, Seção 1 ISSN 1677-7042, pág. 20 e 63. Intercâmbio em Portos da: Bélgica, Holanda, Espanha, Portugal, França, México, Panamá, Argentina, Uruguai, Chile e Portos Brasileiros. Facilitador de projetos de inovação e empreendedorismo pelo Sebrae SP com projeto com foco em empresas e empresários. Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/8209480931461913>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em; 05 fev. 2025.

Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Júlio César Raymundo

Termo de Autorização para uso de Imagem de Júlio César Raymundo